

PINGA-FOGO

■ **LOTERJ ESTAVA VIRANDO A "CURAÇÃO CARIOCA", O PARAÍSO DAS BETS - A decisão do ministro do STF, André Mendonça, de suspender a atuação nacional das Bets licenciadas pela Loterj no Rio criou um pandemônio no mundo do jogo. A decisão judicial é resultado de uma briga de Davi e Golias, com o grupo que controla a loteria carioca declarando guerra em Brasília contra o ministro da Fazenda, Fernando Haddad.**

■ A decisão de Mendonça coloca fim no que estava sendo chamado de 'Curação Carioca', uma alusão ao paraíso fiscal caribenho que virou sede jurídica das bets internacionais, aquelas que atuavam driblando as leis dos países.

■ **Para ter a licença nacional, o valor da outorga é de R\$ 30 milhões e no Rio sai por módicos R\$ 5 milhões. Valores considerados irrisórios pela movimentação financeira proporcionada pela jogatina.**

■ O problema da decisão do ministro do STF é o curto circuito nos escritórios de advocacia com grande influência sobre aqueles que tocavam a 'Curação Carioca'. Bons e gordos contratos simplesmente evaporaram com a decisão.

■ **UM NEGÓCIO DE R\$ 8 BILHÕES REPLETO DE TRAIÇÕES - A novela do Fundo de Compensação de Variações Salariais - FCVS tem capítulos que envolvem traições, acordos rompidos e muita quebra de palavra. A família Magalhães Pinto, no caso dos créditos do Banco Nacional, abandonou os advogados que investiram na causa e recrutou apoio de parlamentares, tudo a peso de ouro.**

■ Casados agora com o BTG Pactual, os Magalhães Pinto terão uma fatia dos R\$ 8 bilhões que deverão ser liquidados pelo Tesouro Nacional em uma só paulada.

■ Na lista de viúvos e traídos, o ex-presidente da Câmara Eduardo Cunha, o advogado Marcos Joaquim e até Hugo Leal, que deu o primeiro ponta pé.

■ Um advogado deixado pelo caminho lembra que a operação que envolveu o Pactual e resultou na prisão de André Esteves tinha como foco a compra da massa falida do Bamerin-

du, que tinha como grande ativo os FCVs. Por uma questão de compliance do banco, todas as negociações do Nacional envolviam outros diretores. Esteves nunca sentou na mesa para falar deste assunto.

■ **A temperatura do Tribunal de Contas da União está à beira da fervura.**

■ **TCE-RJ ATRAI TODAS AS ATENÇÕES DA CLASSE POLÍTICA - A posse do conselheiro Márcio Pacheco como presidente do Tribunal de Contas do Estado - TCE nesta quarta, 8, às 10h30, está mobilizando a classe política. Nunca uma solenidade do TCE despertou tanta atenção no executivo e no legislativo. Pacheco vai dar uma demonstração de força e prestígio político à Casa que precisa há muito tempo deste afago, pelos problemas que passou com parte dos seus conselheiros.**

■ **UMA IDEIA QUE PEGA: 'DESEMBARGADORES' DO TRIBUNAL DE CONTAS - No Distrito Federal, na Câmara Legislativa Distrital, tramita um projeto lei que muda a denominação dos titulares da corte de contas. Eles deixarão de ser chamados de Conselheiros e receberão o título de desembargador. A ideia conta com simpatia em vários estados.**

■ **AMIGOS ACIMA DE TUDO, MUITO ALÉM DA POLÍTICA - Nada como o tempo para cicatrizar feridas. No último sábado, um almoço na Região Serrana reuniu o coronel dos Bombeiros, Leandro Monteiro, e o vice Thiago Pampolha com velhos amigos do Guanabara. Ser quarentinhas tem suas vantagens: o poder de cicatrização é quase imediato.**

■ **CHOQUE DE ORDEM - A Prefeitura de Nova Iguaçu iniciou nesta segunda-feira a Operação "Cidade Limpa", visando o ordenamento urbano e a retirada de carcaças espalhadas pela cidade. A estimativa é que existam mais de 500 no município da Baixada. O novo prefeito, Dudu Reina (PP), esteve presente na ação de ordem pública, que foi iniciada no Centro e nos bairros Jardim Esplanada e Silvânia. A iniciativa, logo no início da gestão, também colabora para a retirada de materiais que podem servir como focos do mosquito Aedes Aegypti.**



MAGNAVITA

claudio.magnavita@gmail.com

@colunamagnavita

Fotos Sammirys Brandão



Hingo ao lado do secretário de Cultura, Adenilson Honorato



Nos primeiros dias à frente do Executivo, Hingo percorreu parte das secretarias



Visita técnica na Companhia Petropolitana de Trânsito e Transporte



Diálogo com o secretário de Esporte, Leandro Kronemberger



Na Companhia, foco foi conversar sobre desafios e melhorias no trânsito da cidade, tendo segurança como prioridades



Demandas da Educação foram ouvidas, Hingo ressaltou que vai regularizar os pagamentos

Prefeito de Petrópolis começa a virar exemplo de gestão

O prefeito de Petrópolis, Hingo Hammes, tem sido uma grata surpresa no seu estilo de gestão. Está seguindo uma cartilha de gestor bem parecida com o ex-governador João Doria. Reunião de secretariado tem hora de começar e acabar. Super objetivas e proibido o uso de celular. Nos despachos a mesma coisa: objetividade.

Nesta segunda (6), ele fez uma blitz e visitou várias secretarias e empresas públicas, tudo sem avisar e cumprimentou todos os funcionários. Bem diferente do seu antecessor, que terceirizou a gestão para esposa e raramente aparecia.

Conhecendo a máquina municipal que comandou como interino por quase um ano, ele agora tem a chance de colocar sua marca e estilo de gestão pleno. É um exemplo para outros prefeitos fluminenses.

Fernando Molica

A História — irônica, vingativa e bem-humorada — está sempre aqui

A entrega do Globo de Ouro para Fernanda Torres e o sucesso do filme "Ainda estou aqui", de Walter Salles, reforçam a imagem da História, uma velhinha serelepe, lúcida, irônica, sacana, vingativa e bem-humorada. Imortal, ela não tem pressa, e sabe o que faz.

O filme, como sabemos, é baseado no livro de Marcelo Rubens Paiva, filho do ex-deputado federal sequestrado, torturado, morto e desaparecido pela ditadura em 1971. Na época, os militares divulgaram uma versão risível, a de que Rubens Paiva, depois de detido, teria sido resgatado por organizações de esquerda.

Até hoje as Forças Armadas se recusam a colaborar para esclarecer a verdade. O relatório da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos frisa que o Exército se-

quer concluiu o Inquérito Policial-Militar aberto em 1985 a pedido da Procuradoria-Geral Militar, órgão do Ministério Público Federal. Mas o MP insiste em processar os culpados, alega, com razão, que o crime de desaparecimento não prescreve nem pode ser coberto pela anistia de 1979, afinal, os corpos ainda não foram encontrados.

A resistência dos militares o pé atrás de boa parte da sociedade brasileira em relação às Forças Armadas. Como acreditar na palavra e na capacidade de instituições que sequer têm coragem de enfrentar a verdade, vista como uma espécie de inimigo, talvez o maior deles?

Na última década, a extrema direita, associada a outros setores conservadores, procurou reescrever uma história já nascida torta. Tra-

çou de enaltecer a ditadura e seus agentes. Numa ofensa às próprias Forças Armadas e àqueles que a ela se dedicam de maneira profissional, passaram a citar como heróis homens como o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, torturador reconhecido pela Justiça.

Como considerar herói um homem que comandava estuproadores, que espancava e aplicava choques elétricos em partes íntimas de corpos de seres humanos presos, nus, incapazes de se defender? Um oficial que teve seu nome exaltado no plenário da Câmara pelo então deputado Jair Bolsonaro, que em votar pelo impeachment de Dilma Rousseff, dedicou seu gesto a Ustra, então chamado de "pavor" da então presidente. Como achar coaroso e digno de ser homenageado alguém que fez o que ele fez?

Que Exército é esse incapaz de reconhecer os atos abjetos cometidos por Ustra e por tantos outros militares?

Mas a História, sempre ela, trata de promover seus ajustes de contas. "Ainda estou aqui" é parte deste processo. O ao mesmo tempo incisivo e delicado filme de Salles obriga muita gente ver o que não queria encarar: ditaduras prendem e arrebatam, ninguém está livre delas, nem mesmo uma família branca, de classe média alta, moradora da Zona Sul do Rio, sem qualquer envolvimento com a tentativa de derrubada violenta do regime.

O mais que merecido prêmio para Fernanda torna o filme ainda mais popular, reforça que, como disse Ulysses Guimarães, "a sociedade foi Rubens Paiva, não os facínoras que o mataram". Eunice, a principal

personagem do longa, será cada vez mais exaltada, seus filhos e netos renovarão o amor e o orgulho que sentem por ela.

Isto, diferentemente do que ocorre com os torturadores que ainda vivem e de seus descendentes, obrigados a arrastar sobrenomes que remetem à covardia e ao horror.

Bolsonaro, que, em 2014, segundo um neto de Rubens Paiva, cuspiu no busto do ex-deputado inaugurado na Câmara, agora vê o tamanho daquele que ofendeu. Ainda é obrigado a conviver com o pavor de ser condenado e preso pela Justiça.

A Dona História sabe muito bem costurar casos assim. Ela certamente ficou muito feliz com o Globo de Ouro. Viu toda a cerimônia e só não foi dormir satisfeita porque fica sempre com os olhos abertos.